

O CANTO DE CAROLINA

Raffaella Fernandez (2018).

A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus

(Brasília: Edições Carolina)

O Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea, criado na Universidade de Brasília, completou vinte anos em 2017 e, para celebrar sua proífica atuação, lançou as *Edições Carolina*, selo não-lucrativo, com o objetivo de publicar livros de crítica literária e cultural. O nome do selo é uma homenagem a Carolina Maria de Jesus, escritora inescapável em pesquisas acerca de grupos marginalizados na literatura brasileira, um dos focos principais de interesse de suas pesquisadoras e pesquisadores. E, entre seus títulos publicados, encontra-se *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*, de Raffaella Fernandez.

Carolina de Maria de Jesus, escritora brasileira afrodescendente, é reconhecida internacionalmente, principalmente pela obra *Quarto de Despejo*, de 1960, continuamente subtitulada como «diário de uma favelada». Tal subtítulo, na maioria dos casos, tornou-se um qualitativo para a própria obra de Carolina. Como se apenas o fato de ser uma favelada que escrevesse trouxesse atrativos, especialmente, testemunhais à sua obra. Em contraposição a esse lugar-comum crítico, o livro de Raffaella Fernandez traz novas perspectivas. Sem deixar de lado o aspecto biográfico da autora e o seu lugar de fala como mulher, negra, periférica, a pesquisadora debruça-se sobre o espólio de Carolina a fim de fomentar algumas questões sobre sua escritura para além desse traço de «exotização» reiterada. A pesquisadora que, em suas investigações de Mestrado e Doutorado tem se dedicado à autora, parte para definições da poética da escritora. E um dos seus achados é chamá-la de «poética dos resíduos», conceito presente em vários momentos de seu livro. É um conceito que perpassa, de formas variadas, todos os seus quatro capítulos, bem como a apresentação e sua conclusão. Desde o primeiro capítulo, denominado «Processo criativo de uma poética de resíduos», passando pelo segundo e terceiro, respectivamente nomeados «Gestos e genealogia: diferentes estados de um texto» e «Trajetos da vida e dos documentos», e terminando com o quarto capítu-

lo denominado «Autobiografia como gênero condutor do devir-trapeiro da literatura», todos orbitam em torno do referido conceito. Para Fernandez, a poética de Carolina seria construída pela acumulação de «todo elemento que considerava interessante para usar como acessório» (Fernandez, 2018: localização kindle 883). Essa acumulação, improvisação e reutilização do descartável, como aponta a pesquisadora, dar-se-ia tanto em seu conteúdo quanto em sua forma, nas condições materiais e na sua própria formação como pessoa e escritora. Todos esses aspectos são trabalhados no livro, ora separadamente, ora de forma simultânea, conforme as exigências da análise sobre o acervo literário da escritora.

Como mapeou Rafaella Fernandez, o acervo está em cinco instituições diferentes, a saber: 37 cadernos no Arquivo Público Municipal «Cônego Hermógenes Casimiro de Araújo Brunswick» de Sacramento, Minas Gerais (cidade natal de Carolina), 14 cadernos na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 2 cadernos no Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro, 1 caderno no Museu Afro Brasil, em São Paulo, 2 cadernos na Biblioteca Mindlin na Universidade de São Paulo (ainda não localizados) (Fernandez, 2018: localização kindle 4858). Sobre esses cadernos, a pesquisadora utilizou recursos metodológicos da Crítica Genética, que busca analisar os percursos dos processos de criação, a partir dos manuscritos ou datiloscritos de obras, a fim de perceber os movimentos — acréscimos, supressões, intervenções, rasuras, anotações — entre outras marcas, que possam perceber as inúmeras opções tomadas no momento da escrita.

Para além dos estudos sobre as edições adulteradas das obras mais conhecidas da escritora, como *Quarto de Despejo*, *Casa de Alvenaria*, de 1961, e *Diário de Bitita* — com primeira edição brasileira de 1984 — Raffaella Fernandez acrescenta análises próprias tanto sobre os inéditos quanto sobre as próprias condições dos cadernos e de seu armazenamento, além de trazer reflexões sobre seu processo de escritura, como é o caso do *Diário 20*. Há uma reprodução fotográfica dele no livro das Edições Carolina. Aliás, as inserções fotográficas de peças do acervo são um ganho a mais para os leitores e leitoras, pois não deixa de ser emocionante visualizar a letra manuscrita da própria Carolina. Voltemos ao *Diário 20*. Como a pesquisadora expõe, no referido *Diário*, há textos de 10 de agosto a 26 de outubro de 1959, escritos em folhas, amarradas com barbante, de um antigo livro de contas, recolhido do lixo. O volume está exposto, a partir do empréstimo do jornalista Audálio Dantas (responsável pela edição de *Quarto de Despejo*), na vitrine do Museu Afro-Brasil, de São Paulo, desde

2005, sem o devido cuidado a ser dispensado a obras raras, sem previsão de restauro ou digitalização. Fernandez aponta outro aspecto interessante que é a própria nomeação e estilização de «diário», o que não aparecia nos cadernos anteriores, mais abertos a hibridizações estilísticas, como é uma das características de sua poética. Nesse sentido, já haveria uma intervenção sobre o processo criativo de Carolina, a partir de sua «descoberta» na favela, por meio de sugestões de estudantes, escritores e jornalistas que lhe davam dicionários, canetas e até sugestões de temas a serem abordados. Para a investigadora, o *Diário 20* também é uma espécie de caderno de trabalho pois aparecem projetos de escrita, como da peça teatral *Seu Binidito*, inspirada por um amor platônico: um advogado que a visitava. Nele, há também citações a escritores que admirava, como Edgar Allan Poe e Guy Maupassant, cujo conto «O colar» a impacta e a faz citar como anedota, um dos seus estilos preferidos, como acentua Fernandez. Nesse sentido, o *Diário 20*, temporalmente escrito entre *Quarto de Despejo* e *Quarto de Alvenaria*, torna-se fonte importante de pesquisa, caso não se perca materialmente, dada a sua condição precária.

Além da ideia própria da reciclagem de materiais (como é o caso do descartado livro contábil), uma vez que Carolina era também uma catadora de papel, a sua poética também era residual, segundo Rafaella Fernandez. Mistura de gêneros literários e não literários, aproveitamento de leituras de épocas e estilos diferentes, montando e desmontando suas próprias escritas. Como salienta a pesquisadora, a própria «catação» de todos os livros que lhe apareciam — e cuja admiração era inconteste e não-seletiva — lhe teria proporcionado essa escrita prolixa. Ou como bem define, «engendrada como uma escrita na pobreza, mas não uma escrita pobre» (Fernandez, 2018: localização kindle 773). Assim, também no livro é ressaltada a dificuldade de ler Carolina, haja vista seu pendor passadista, ao mesmo tempo que incorpora elementos contemporâneos, como uma cronista de seu tempo, a partir de suas deambulações pela cidade de São Paulo e por seu passado por migrações entre o campo e a cidade.

Esse não-lugar na tradição literária brasileira é também tratado no estudo em tela. E não só pela sua própria biografia — mulher, negra, pobre e favelada — absolutamente rara, até hoje, no perfil dos escritores brasileiros (assim mesmo, no masculino plural) aclamados pelo campo literário. Mas também, como salienta a pesquisadora, pois sua «expressão é móvel, sobretudo pela fragilidade gramatical estrutural e as dificuldades que acompanham todo o seu processo criativo», além de sua «escritura esgarçada, esparsa, fragmentada» (Fernandez, 2018: localização kindle 5541), que é um desafio constante à críti-

ca literária. Aliás, Raffaella Fernandez dedica uma significativa parte de seu ensaio à recepção de Carolina pela crítica brasileira e internacional, em especial a estadunidense que a alinha na tradição afrodescendente de autoria feminina, ou então, muitas vezes limitando-a à categoria de testemunho ou como imagem feminina da pobreza.

Em relação à autoria feminina e a crítica, Raffaella Fernández, apoiada em Marisa Lajolo, destaca o lugar social de Carolina de *Quarto de Despejo*, como mãe protagonista que mantém sozinha seus três filhos, em contraponto à escritora Maria José Dupré, autora do romance popular *Éramos seis*, de 1943, que traz uma visão tradicional do ambiente familiar. Contudo, tal comparação cria um certo ruído, haja vista a presença de escritoras contemporâneas à Carolina que poderiam ser melhor exploradas na questão dos papéis sociais e de gênero, como Clarice Lispector, rapidamente citada. Não que a autora não esteja atenta a isso, pois marca muitas passagens e personagens femininos com desejo de emancipação, como «Rita», do romance homônimo, e «Gilda», de um romance sem título, ainda em manuscritos inéditos, que fazem parte do espólio. A pesquisadora também percorre as análises críticas sobre a obra de Carolina no Brasil, em especial aquelas que a incorporam na «literatura marginal periférica» e, ainda mais, de tradição afrodescendente. E cita escritores contemporâneos importantes como Ferréz. Assim, Carolina, como diz a autora, é potência do que veio depois, como o próprio Ferréz, além de Allan da Rosa, Dinha, Michel Yakini, Cidinha, Conceição Evaristo e muitos outros. Não é demais relembrar a importância dela, inclusive ao nomear o selo que se encontra publicado o estudo de Fernandez.

Para além da recepção da obra, o presente estudo ganha em força ao nos colocar em contato com o acervo pesquisado a fim de delinear o estilo de Carolina, a partir de suas notas de criação ou mesmo de seus inéditos. Afinal, o livro é fruto de sua tese de Doutorado denominada «Processo criativo no espólio literário de Carolina Maria de Jesus», de 2015, defendida na Universidade Estadual de Campinas. A partir de teorias complexas como de Gilles Deleuze, Feliz Guattari, Walter Benjamin, Paul Ricoeur, Philippe Lejeune, entre outros, Raffaella Fernandez traz para si o desafio de ultrapassar as visadas reductoras sobre a biografia de Carolina e sublinhar sua poética. Para além da anteriormente citada «poética de resíduos», ela também percorre conceitos para este processo criativo, repleto de reescrituras, como demonstram os arquivos, exemplificados, por exemplo, pelo cotejamento de versões do texto «Prólogo», para seu romance, por ela nomeado *Um Brasil para brasileiros*, que, por fim,

editado veio a ser *Diário de Bitita*, na edição brasileira. Conceitos como «devir-trapeira», «devir-fome-amarela», «textos-colagem», «textos-montagem», «escritora orgânica», «escritura tortuosa», «agir escritural», *patchwork*, «escrita malabaresca», são alguns de seus achados, ao se debruçar por tantos gêneros literários, tanto os consolidados, quanto os anedóticos «humorismos».

O capítulo final, denominado «Autobiografia como gênero condutor do devir-trapeiro da literatura», traz a análise do datiloscrito *Canto triste*. Para a pesquisadora, o texto «dá a conhecer a concepção literária de Carolina de Jesus na funcionalidade de sua expressão mais íntima e pungente, um poema em prosa ou uma prosa poética» (Fernandez, 2018: localização kindle 6219). O texto é uma autorreflexão da escritora a respeito do ato da escrita, a partir de comparações entre a linguagem dos pássaros, que ela classifica como aquela que seria «certa», que poderia parecer estranha ao leitor/a ilustrado, que ela denomina «você» no referido texto. Aproximando o olhar caroliniano à poética de Manoel de Barros, marcada pela aproximação com a natureza, no sentido profundo da «despalavra», como defendia o poeta mato-grossense, Raffaella Fernandez discorre a respeito da metáfora escritor/a/pássaro. Vale destacar a oração de Carolina inserida em seu *Canto Triste*: «Quando você entender o cantar dos pássaros começará a entender o porquê da vida» (Fernandez, 2018: localização kindle 6252). A análise do *Canto Triste* é um belo momento do livro pelo seu ineditismo e qualidade metaliterária. Além disso, o texto também é epígrafe do livro de Fernandez, com uma foto direta do arquivo, em um momento circular de *A poética de resíduos de Carolina Maria de Jesus*.

O livro de Raffaella Fernandez agrega valor e interesse quando traz textos inéditos e os analisa. Momentos nos quais a voz e, por que não dizer, o canto de Carolina escapa para além das teorias características de uma tese de Doutorado. E, com certeza, será mais uma fonte importante de estudos sobre Carolina Maria de Jesus, escritora cuja obra parece ganhar múltiplas perspectivas, não só sobre suas produções mais conhecidas, mas também pelo acervo inédito sobre o qual Raffaella Fernández tanto trabalhou, cumprindo, assim, o objetivo já anunciado na dedicatória de seu livro: «À memória de Carolina Maria de Jesus».

VIRGÍNIA MARIA VASCONCELOS LEAL

Universidade de Brasília

virginiamvleal@gmail.com